

## NOTA PRÉVIA

O número da *Revista de Estudos Literários* que agora se publica contempla, na sua secção temática, um domínio de estudos que nos últimos anos tem conhecido um desenvolvimento acelerado, em vários planos. Um desenvolvimento que, não há que escondê-lo, não é imune a vontades e a projetos políticos, com marca ideológica indissociável. Aquilo a que, para a conceção e organização deste número, chamamos Literaturas Africanas de Língua Portuguesa corresponde a uma área muito ampla de produção literária, com manifestações desiguais em países que resultaram, enquanto Estados independentes, da descolonização portuguesa subsequente a 1974.

As dificuldades e as contradições, mas também as expectativas e as promessas que têm caracterizado a afirmação política e social desses Estados operam, em movimento de refração, sobre as práticas culturais e sobre a constituição de campos literários autónomos. A literatura não depende diretamente dos índices de desenvolvimento humano dos países em que existe; todavia, as suas práticas não são nem poderiam ser alheias àquele desenvolvimento. Questões como o avanço da alfabetização, a consolidação dos sistemas de ensino ou a emergência, mais lenta ou mais célere, de instrumentos de institucionalização literária (editoras, revistas, academias, prémios, etc.) não são abordadas nem resolvidas nos países africanos de língua portuguesa do mesmo modo que o são em Portugal ou no Brasil. Pensar que é assim equivale a confundir, com desajustado voluntarismo, os desejos, porventura generosos, com a nitidez da realidade.

Ao mesmo tempo, a afirmação, a transformação e a maturação de literaturas de língua portuguesa articulam-se diretamente com a

língua e com a sua “ecologia”. Integrada em cenários sociolinguísticos complexos e muito diversificados, a língua portuguesa enquanto língua literária sofre os efeitos transformadores que esses cenários lhe impõem; e assim, as práticas literárias em língua portuguesa não o são do mesmo modo em Angola ou em São Tomé e Príncipe, em Cabo Verde ou nesse Moçambique a que Mia Couto chamou um “sulbúrbio” da língua portuguesa.

As diferenças são também consequência de um outro facto histórico: enquanto literaturas nacionais, as literaturas africanas de língua portuguesa são, no plano formal e político, tão recentes como as pouco mais de quatro décadas de vida das independências dos cinco países africanos que foram colónias portuguesas. Não que, antes do dia da independência, estivessem caladas nessas colónias as vozes dos poetas e dos ficcionistas, por vezes anunciando o tempo da libertação. Era outro o tempo e era outra a circunstância. Nos nossos dias, as literaturas africanas de língua portuguesa vivem a condição da *nacionalidade* em termos inevitavelmente diversos daqueles que conhecemos em Portugal ou no Brasil. Literaturas muito jovens ainda, se assim pode dizer-se, a sua dimensão, no plano quantitativo, e a sua singularidade, no plano qualitativo, trazem consigo as limitações e os obstáculos referidos.

De alguma coisa do que fica dito, mesmo eventualmente sem o explicitar, e do mais que adiante se verá trata este número da *Revista de Estudos Literários*. Foi ele organizado por José Luís Pires Laranjeira, um dos pioneiros do ensino das literaturas africanas de língua portuguesa em Portugal e, à sua maneira, um dos seguidores do saudoso Manuel Ferreira, cuja voz e exemplo são aqui convocados.

Para além dos ensaios e demais materiais em que se cumpre a temática escolhida para este número da *Revista de Estudos Literários*, a sua secção não-temática integra alguns dos textos apresentados num simpósio do projeto de investigação “Figuras da Ficção”, rea-

lizado em novembro passado. Neles está representada alguma coisa da atividade de pesquisa que no referido projeto tem sido realizada e que, em breve, culminará na disponibilização, em rede e em formato eletrônico, dos primeiros resultados do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*.

Agradeço a Marisa das Neves Henriques, bolseira de investigação do Centro de Literatura Portuguesa, a inestimável colaboração que prestou à edição deste número da *Revista de Estudos Literários*.

*Carlos Reis*